

Darcy Ribeiro

Um brasileiro sem complexo de inferioridade

Tive o enorme privilégio de trabalhar e conviver com Darcy Ribeiro por mais de dez anos. Ao receber o gentil convite da CNTU para participar dessa jornada cujo título é *2022: o país que queremos*, imediatamente me veio à mente a frase com a qual Darcy inicia e finaliza a série de documentários *O Povo Brasileiro*, que realizei em 1999. Olhando fixamente para a lente de minha câmera e apontando o dedo para o espectador, ele diz: “Preste atenção: nós temos que inventar o Brasil que nós queremos”.

Então pensei comigo: talvez a melhor contribuição que eu possa dar a esse debate de hoje seja falar de Darcy, um brasileiro sem complexo de inferioridade, que sempre apostou na potência criativa e vital do povo desse país. Seu pensamento segue vivo.

A tarefa de analisar a obra de Darcy Ribeiro em profundidade, comparando, tecendo considerações críticas cabe aos estudiosos. Minha abordagem é outra: é a de quem viu, ouviu e compartilhou experiências profissionais e uma amizade profunda.

Darcy escreveu sem parar durante grande parte dos seus 73 anos de vida muito bem vividos. As poltronas de suas casas tinham de ter braços largos para apoiar papel e caneta, e Darcy escrevia sempre. Nem a doença freou seu impulso e sua urgência de dizer coisas. Escreveu até o último dia de vida, mesmo devorado por um câncer generalizado. Sua produção intelectual – estudos, ensaios, artigos, romances - é enorme.

Sem se filiar a nenhuma escola de pensamento, mas bebendo em muitas fontes, e conhecendo com alguma profundidade o país em que vivia, Darcy pode reler a história do Brasil e ousou fazer

profecias sobre seu futuro. Investigou o Brasil e os brasileiros. Foi antropólogo, educador, criador de universidades, romancista, político.

Darcy fez parte de uma geração de intelectuais e artistas que acreditava ser possível construir um projeto cultural abrangente para o Brasil e para a América Latina. Um projeto destinado a revolucionar as estruturas do país e do continente, e não apenas a reformá-las. Em um discurso feito no México em 1978, disse: *“No meu ver, o que caracteriza a América Latina de hoje é o súbito descobrimento de que tudo é questionável. É necessário repensar tudo... Eu acredito que o que caracteriza a nossa geração é esta consciência mais lúcida e mais clara de que o nosso mundo tem de ser desfeito para ser refeito”*.

Era uma geração de humanistas que queria nada menos que o todo, gente ávida por conhecer e fazer valorizar as raízes mais profundas da nossa formação. Darcy incorporou em seu discurso coisas como o culto do Espírito Santo, a mestiçagem brasileira, e uma profunda vontade de beleza - que aprendeu a observar com os índios com quem conviveu por mais de dez anos. Ele buscava um socialismo moreno com repercussões profundas na alma brasileira. Fazia parte de uma vanguarda local, sim, mas perfeitamente conectada ao que acontecia no mundo.

Nesses anos de esperança, brotaram no Brasil coisas tão diversas como o Cinema Novo, a poesia concreta, a Bossa Nova, uma MPB ativa, um teatro radicalmente novo e uma produção acadêmica comprometida com a realidade. Uma série de caminhos se abriu também na arquitetura e nas artes plásticas. Formas livres e novas linguagens. Uma geração que sonhou acordada.

Veio o Golpe de 64; veio a ditadura militar e o AI-5. As repercussões na universidade e na vida intelectual e artística do país foram brutais, com o exílio de muitos dos melhores quadros dessa geração. Todo esse universo de renovação foi desmantelado com violência. Junto a muitos outros, Darcy Ribeiro, então Chefe da Casa Civil do governo reformista de João Goulart, foi preso e exilado, tendo sido obrigado a peregrinar por muitos anos em diversos países da América Latina. Os anos de chumbo que se seguiram deixaram marcas profundas na cultura e na educação brasileiras. As novas gerações que se formaram a partir de então seguem ignorando as ambições dessa geração e o seu significado mais profundo. E Darcy segue pouco conhecido.

Também a academia brasileira – principalmente a paulista - nunca aceitou de fato o pensamento independente de Darcy. E há críticas de várias naturezas em relação a sua atuação política. Darcy foi um dos poucos intelectuais brasileiros que se engajou na luta política partidária. Acreditando nas instituições e na democracia, foi Ministro da Educação e Chefe da Casa Civil nos anos 60, foi candidato a Governador no Rio de Janeiro nos 80, foi Vice-governador e Secretário de Estado no Governo de Leonel Brizola, e foi Senador da República. Darcy aceitou os riscos dessa exposição pública como poucos intelectuais. Foi, também por isso, bastante estigmatizado.

Em Darcy Ribeiro, o pensamento e a ação engajada foram moldados por essa época confusa. Mas também por sua trajetória pessoal de mineiro de Montes Claros – região marcada por grandes desigualdades sociais e por um imaginário muito rico (poderosamente descrito por Guimarães Rosa).

O interesse de sua extensa obra vem dessa sua singularidade. Por um lado, os escritos de Darcy são o resultado de pesquisa e

observação pacientes e aguçadas, e de uma análise sistemática a respeito dessa experiência planetária única que é o Brasil. São, portanto, fontes riquíssimas de estudo para aqueles que querem conhecer o país. Seus livros de etnologia e antropologia foram traduzidos em inúmeras línguas e Darcy foi *Doutor Honoris Causa* em algumas das mais importantes universidades do mundo. Por outro lado, sua obra nos faz refletir sobre a possibilidade de criar de forma livre e descolonizada, sem complexo de inferioridade em relação aos pensadores da moda, sem seguir modelos.

Para ele, nenhum modelo poderá jamais enquadrar esse nosso país cheio de história e de possibilidades e “que não deu certo”. Por isso, é necessário conhecê-lo para poder reinventá-lo. Por isso é preciso decifrar os seus sinais para criar o novo.

Como antropólogo/etnólogo, Darcy viveu por dez anos entre os índios brasileiros, decifrando seu modo de existir e pensar; criou o Museu do Índio, primeira instituição brasileira “*projetada para lutar contra o preconceito contra o índio, que descrevia o índio como canibal, preguiçoso, violento*”; escreveu seus impressionantes *Estudos de Antropologia da Civilização* – seis volumes, com quase duas mil páginas; além de ter criado, junto a Eduardo Galvão e aos irmãos Villas-Boas, o revolucionário Parque Nacional do Xingu.

Como educador, lutou pela escola pública e gratuita de período integral e de qualidade para todos os brasileiros; criou a Universidade de Brasília – para, como disse, “*transmitir todo o saber do homem como um modo de diagnosticar os problemas brasileiros e de encontrar caminhos para superar esses problemas*”, e andou pelo continente latino-americano reformando universidades; inventou os CIEPs e, já no final de sua vida, criou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação que, aliás, leva o seu nome.

Como romancista, escreveu entre outros, *Maíra*, obra considerada pelo crítico Antonio Candido como sendo “*um dos mais importantes romances brasileiros do século*”. E na sua profunda inquietação, ainda fez muitas outras coisas Brasil e mundo afora.

O que há de comum e coerente em todas essas frentes em que Darcy Ribeiro empenhou sua vida sem filhos parece ser o impulso quase vulcânico de um criador sem medo e cheio de utopias. Já quase no final de sua vida, ele falou:

“O que é que nós todos queremos? É fazer um país habitável, em que as pessoas existam pra serem felizes, alegres, amorosas, afetuosas, todo mundo comendo todo dia. Não é uma alegria? Não é um absurdo que num país tão grande, tão cheio de verde, tenha tanta gente com fome?... O Brasil não tem nenhum bezerro abandonado, não tem nenhum cabrito abandonado, nenhum frango. Todo frango tem um dono. Mas tem milhões de crianças abandonadas. Quando uma sociedade perde seu nervo ético, perde seu amor seu apego por suas crianças que é a sua reprodução, é uma enfermidade tremenda”.

Quem hoje quer ouvir essa música que arde e segue incomodando? Darcy afirmou várias vezes, referindo-se a suas lutas pelos índios, pela educação, pela democracia: “*Fracassei na maioria das propostas que defendi. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu*”.

Acho que vale a pena ler Darcy Ribeiro para pensar sobre o Brasil que queremos.